

A L F A B E T I Z A Ç Ã O

Totalmente conscientes que a Comunidade Yanomame é responsável pelo processo educativo dos seus filhos, a escola implantada por nós não teve a pretensão nem a presunção em suplantiar ou destruir todo aquele precioso e insubstituível patrimônio cultural do contexto vivido por pequenos e grandes no XABONO. Preocupados pelas variadas incidências de uma escola regulada por horários e esquemas urbanos e ocidentais tentou-se introduzir ritmos escolares de aprendizagem com os relativos turnos escolares que respeitassem no máximo o processo de socialização-educação desenvolvido pela família e a comunidade inteira que tende por tradição (isto é: por um processo convalidado até hoje de geração em geração) à aquisição da maturidade bio-psico-social dos integrantes da Comunidade. Para interferir o menos possível neste processo "tradicional" de socialização-educação na escolha dos horários procurou-se respeitar (após uma consulta com a comunidade e dos interessados à alfabetização) os ritmos de trabalho e de atividade deles. A atividade escolar foi pensada e programada no esforço de tornar possível num futuro não muito distante um encontro com a cultura ocidental o menos possível chocante e o mais possível construtivo. É uma aspiração esta a nossa que alguém chamará utópica ou ilusória, mas somos totalmente convencidos do valor de um encontro cultural aonde as duas civilizações não se contrapõem ou se sobrepõem mas deveriam fundir-se criando as condições para o nascimento de uma cultura que exprime a vitalidade e a criatividade de gerações vindouras abertas ao diálogo cultural.

Nessa nossa premissa teórica e no pressuposto básico da validade do processo de socialização-educação "informal" do mundo yanomame teria sido um absurdo iniciar uma alfabetização que adotasse textos e ritmos urbano-ocidentais, seja:

- ) por motivos pedagógicos: para evitar nos interessados um processo de rejeição imediata e definitiva e para nós frustrante.
- ) por motivos didáticos: tornar a atividade escolar não como algo vazio, enjoativo e pesado, mas uma das tantas atividades diárias da vida deles.

Na aplicação dos exercícios psco-motores temos tirado tudo ou quase tudo do meio ambiente deles. Para imaginar inspirar-nos temos utilizado de pontas de flechas (RAHAKA) de cestos (WY'Y e KOTO), festas (REAHU) e assim os interessados "brincavam" com o lapis e a caneta (instrumentos introduzidos e experimentados, inicialmente o lapis para dar firmeza e segurança à mão, depois a caneta mais leve e fluida, o que despertou logo simpatia (não temos ainda experimentado o pincel atômico) e deu sempre mais segurança gráfica. Ultimamente os alunos estão se acostumando a escrever no quadro negro e com o desenho tentaremos introduzir outros recursos graficos.

A motivação que facilitou o interesse pela escola foi a intenção (expressa) em fornecer aos interessados um mecanismo concreto de defesa nos frequentes conflitos com o mundo de trabalho e produção dos regateiros e garimpeiros e invasores de terras.

Está presente em nós a aspiração de formar educadores no meio deles que realizassem esse encontro intercultural e luta-se e espera-se para chegar aí.

A experiência de monitores por vários fatores estava demonstrando, segundo o nosso parecer e as observações das reações dos outros, perigosa e discriminatória - seletiva. Então embora conscientes de todos os limites de conhecimento da língua e do ambiente, todo mundo jogou-se no Rio Marauíá e estamos nadando juntos... tentando evitar piranhas e peixes elétricos...

Os exercícios foram divididos em três grandes etapas:

- 1- Exercícios psico-motores. São 34 e todos receberam o nome dado por eles em yanomame.
- 2- Alfabeto. Foram copiados todos os símbolos do alfabeto yanomame e completados com o português para a passagem posterior à língua nacional.
- 3- Alfabetização propriamente dita com cartilha.

#### Descrição das etapas.

Após um elementar e inicial conhecimento da língua yanomame, vencendo dúvidas e excitações pessoais iniciou-se com seriedade e responsabilidade o agoniado projeto do programa de alfabetização na língua yanomame. Pela nossa primeira experiência, neste setor única na área até hoje, optou-se pela organização do material em etapas para descobrir e adivinhar das reações deles qual direção seguir e qual ficha tentar (por isso que o material da primeira etapa não teve ficha impressa, mas na hora a gente escrevia e o pessoal exercitava sob nossa direta observação-visão) com uma ampla flexibilidade de adaptação do programa à situação do momento, respeitando sobretudo o processo do ritmo de aprendizagem de cada um deles. Inicialmente aceitou-se a ideia de preparar monitores na faixa etária de doze-quatorze anos para facilitar depois a transmissão de todo o programa de alfabetização.

Após umas semanas, exatamente três, percebemos que estava-se criando com os quatro escolhidos uma dependência devido a pouca disponibilidade de tempo deles e ao pouco proveito escolar (ficavam na sala olhando da janela pelos outros coetâneos sentindo-se uns privilegiados; a aplicação era desalentadora; a frequência nos dias da semana era descontínua e todos os nossos recursos e estímulos mostravam-se cada vez mais insuficientes e eles do outro lado sempre mais exigentes pelo tempo dedicado à alfabetização: queriam que fosse cada vez diminuído, criavam facilmente desculpas para sair da aula, as palavras XI'I NYEI ou NIYASI ENEY eram os recursos para ficar fora da sala de aula.

Então tivemos a feliz ideia de estender o processo de alfabetização a todos os meninos que responderam com simpatia. Após a experiência positiva destes convidamos também as meninas dos seis aos oito anos. Partimos assim para uma alfabetização não mais de elite mas popular. E assim aconteceu que após um mês e meio de tentativas de alfabetização apareceram os primeiros resultados positivos. Tínhamos 13 meninos e 09 meninas. Foi neste ano de 1981 que a nossa escolinha foi reconhecida pela SEDUC com o decreto NS 6047 de 21-12-1981

Após esta experiência animadora dos menores pensamos em convidar os adultos. Iniciamos assim o ano escolar de 1982 com três turnos e três turmas distribuídas ao longo do dia. De manhã os menores, de tarde as mulheres e à noite os homens, respeitando estes horários, combinados previamente com os interessados, as atividades próprias de cada faixa etária.

A participação foi quase total durante os dias da semana e também durante todo o ano (pode-se consultar toda a produção guardada para quem quiser verificar). As desistências foram mínimas: no turno da manhã foram duas:

uma por doença - penfigo o Antônio e a outra a Monor - Elisa por ter desanimado

no turno da tarde, e das mulheres também duas: Ângela e Toster.

No turno da noite só uma: Adriano.

O empenho e a aplicação deles foram as grandes asas que cortaram o respiro às dúvidas, incertezas e perplexidades. Devagarinho os primeiros símbolos pretos começaram a aparecer no papel branco como se estivéssemos participando a um jogo de prestidigitação. Os nossos olhos em certas horas de grande aplicação reaplandeciam de alegria e comoção, sobretudo com a turma das mulheres, quando umas mães com um braço sustentavam os nenês e com o outro seguravam o papel, tentando escrever e aprender.

Às vezes a gente ficava embaraçada quando olhos vivos e perscrutadores nos perguntavam a razão de certos exercícios sobretudo os mais difíceis, mas a gente com tato e calma explicava esclarecendo e então eles com mais animação retomavam a dura tarefa dos exercícios.

Todos os exercícios psico-motores aplicados por nós foram pela maior parte deles bem executados e realizados nas etapas programadas. As inseguranças gráficas e o desânimo repentino eram superados pela participação atenta e vigilante de ambos os irmãos prontos para restaurar o moral. Ao acabar a tarefa a alegria era dupla e multiplicada. Por ter marcado os variados exercícios psico-motores sem marcar datas nos deixou a liberdade de distribuir ao longo do ano os exercícios e nos colocar na feliz condição de respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um deles. Foi de fato um método didático personalizado engajando os dois irmãos nos três turnos quotidianos. Foi sinceramente um dom oferecido de todo o coração por ambos "amarrados na aula embora sabíamos que o acúmulo dos trabalhos na missão ia cada vez mais aumentando à vista de olho... e mãos! Eles entenderam a nossa disponibilidade e a melhor resposta foi uma frequência constante e uma aplicação admirável superando todas as nossas pessimísticas previsões.

Repto mais de uma vez que todo o processo de pre-alfabetização (pre-escolar) como o atual de alfabetização não tentou nunca interferir na organização de festas (REAHU), saídas deles para visitas coletivas de produtos recolhidos nas matas, conseqüentemente nestas ocasiões as atividades paravam

Em 1983 após uma experiência tão animadora e positiva das duas etapas assimiladas e praticadas pelos alunos das várias turmas iniciamos a usar a cartilha de alfabetização. Esta cartilha é fruto de consultas de obras e experiências já realizadas em outros lugares e grande atenção sobretudo deu-se às experiências do ambiente yanomame (salesiano da Venezuela. Cfr. YANOMAMÉ - 1 - URIHIRI. Equipe Educativa Escuela Yanomamé Alto Orinoco - Libreria Editorial Salesiana, Caracas 1981), contatos diretos com Loretta Emiri - (Catrimani - Roraima e vários volumes do sistema bicultural SHUAR aplicado pelos salesianos no Ecuador)

A cartilha foi elaborada aberta, i.é. com a possibilidade de uma imediata adaptação ao ritmo real e sinfônico de estímulo-resposta que respeitava ao mesmo tempo a iniciativa e a intuição de cada um deles. De outra parte o objetivo final da cartilha era suscitar no aluno (todo o processo didático em língua yanomame) inicialmente a atenção e o interesse (falo mais de sucessão cronológica do que lógica) e depois a colaboração e a iniciativa em fornecer, sugerir ou propor outros nomes à lista dos que aparecem no quadro negro.

Para alcançar esse objetivo adotaram-se vários recursos didáticos: o uso das canetas bicolores: azul e vermelho; o uso do círculo ao redor do novo símbolo proposto; o uso do balão com o mesmo símbolo pendurado na sala de aula, o uso de balão prêmio para quem logo oferecia o nome solicitado, o uso de cartazes nas paredes da sala enfim deu ótima resposta e resultado o uso de desenhos tirados dos todos da vida deles como revisão repetindo inúmeras vezes a escrita do símbolo no momento estudado e num certo estágio o uso do quadro negro por parte dos alunos.

Atualmente estamos concluindo a alfabetização dos símbolos do alfabeto yanomame no primeiro turno, aquela da manhã, com 14 alunos que já sabem ler e escrever palavras e frases em yanomame.

De 24 Yanomame tivemos o seguinte resultado: 14 aprenderam a ler e escrever. Os outros- Antônio continua doente por recaída na doença após pequena melhora. Davi o menor de todos parou por frequentes saídas com a mãe. José parou bem no meio por doença. Felix - Justino - Mário - Paulinho - Pedro - Virginia todos estes pararam devido a muitas ausências e devido ao limite de idade foram para outra turma à noite. Dois: Bento e Irineu estão de recuperação.

O turno das mulheres está no meio do caminho e aquele dos homens ao começo da alfabetização. Tivemos que parar vários meses por imprevistos e sucessivos contatos com WAWANAWETERI - KOHOROKITARI - ABOETTERI além dos contatos normais com os POHOROIWEITERI E PUKIMABUETERI.

A escola funciona em tempo integral quando o pessoal fica no Xabono perto da missão e as interrupções escolares acontecem nas épocas antes mencionadas. Fica ainda o trabalho para o ano de 1984 do ensino das cartilhas do alfabeto português, treinamento de leitura e exercícios de língua yanomame e desenho.